

gatoriedade.

Foi proposta uma avaliação dos objetivos do curso em função das necessidades do aluno e do desempenho esperado em relação ao conhecimento de inglês.

NOTA

¹ John Holmes. Needs Analysis: A Rationale for Course Design. In: The ESPECIALIST, nº 3, PUC-SP, 1981, pp. 10-17.

BIBLIOGRAFIA

CELANI, M.A.A. Considerações sobre a Pesquisa 'A Necessidade e Eficiência do Ensino de Inglês Instrumental nas Universidades Brasileiras'. In: The ESPECIALIST, nº 6, PUC-SP, 1983.

HOLMES, J. Needs Analysis: A Rationale for Course Design. In: The ESPECIALIST, nº3, PUC-SP, 1981, pp. 10-17.

MACKAY, R. Identifying the Nature of the Learner's Needs. In: *English for Specific Purposes*, Longman, London, 1979.

3. *A Língua para Fins Específicos e o Texto - Uma Experiência Pessoal*

Rosa Maria Neves da Silva - UFMG

A língua em si mesma sempre foi instrumento - seja de comunicação oral, descrição científica, criação artística. No entanto, a terminologia correntemente usada para designar esse no

vo propósito do ensino da língua – Língua Técnica ou Língua Instrumental – parece limitar a interpretação do enfoque real a que se destina o mesmo em certos casos.

A demanda de língua como instrumento cresceu nos últimos dez anos e cresce assustadoramente, mas tem esbarrado num conceito falso de imediatismo milagroso. Assim, considero que encarar esse até certo ponto *novo* conceito de ensino de língua como para *fins específicos*, define melhor a função do ensino.

O fim específico deve e tem que ser uma combinação da necessidade profissional-técnica-científica somada a uma ou mais das habilidades comumente ligadas à aprendizagem de qualquer língua. Esse fim específico, que no caso particular dos cursos oferecidos na UFMG, tem dado ênfase à habilidade de leitura, pode ser deslocado para a compreensão oral, a redação e a conversação.

Fica claro que nesse ponto há uma semelhança muito grande com o ensino tradicional.

A diferença se faz em termos do uso mais acentuado de textos, no tempo mais reduzido dos cursos (sem contudo se dever chegar ao imediatismo, sempre negativo), no enfoque mais objetivo de certos aspectos didáticos e de conteúdo, excluindo-se especulações subjetivas a respeito da língua e tudo aquilo que o bom senso do professor julgar necessário, de acordo com as peculiaridades da língua usada em cada área profissional-técnica-científica em especial. Essa língua é mais literal e menos literária.

Estabelecida a combinação área específica/habilidade, chega-se ao elemento-meio essencial: o texto.

Tem sido muitas vezes questionado o tipo de texto a ser usado no que se refere ao conteúdo. A experiência tem mostrado (mesmo con

trária à opinião de alguns) que muitas vezes os textos não devem se referir à área específica do aluno, ou seja, a composição do curso deve incluir textos não específicos.

Textos específicos devem ser usados com moderação já que se observa uma tendência muito evidente entre os alunos de abandonarem a aprendizagem da língua em si passando a conversar na língua nativa sobre o conteúdo técnico-científico do texto em uso. Assim a língua, objeto primeiro do ensino, passa a ser obstáculo e não meio. É preciso lembrar, e lembrar aos alunos na sala de aula, que somos basicamente professores de língua e não de sua área específica. Além disso, já se detectou a pressão feita por muitos alunos no sentido de que o professor se faça tradutor do vocabulário técnico-científico e se limite à discussão do conteúdo do texto. Mas seria esse, se seguido, um processo eficiente?

Na verdade, essa seria uma atitude imediatista e irreal que pareceria resolver o caso no momento mas não daria ao aluno os elementos necessários para uso posterior sem a muleta do professor.

Aliás, num sentido prático, vejo a língua para fins específicos sob dois prismas: o de *ensino* e o de *treinamento*. Talvez mesmo, dentro de um esquema de tempo e necessidade sempre presentes, o aspecto treinamento seja o único completamente possível.

Quando se diz que não há milagres em focar-se a língua como instrumento, entende-se a impossibilidade de transformar um aluno sem qualquer conhecimento num hábil leitor depois de um curso relativamente curto e rápido. Compreende-se aqui a ponderação daqueles

que ainda, por alguma razão, não aceitam a eficácia do ensino da língua instrumental ou para fins específicos.

Minha ponderação é a de que nesse ponto, esse "ensino" parece ser muito mais um treinamento (ou exercitamento) do conhecimento já adquirido, um despertar da aplicação mais precisa desse conhecimento, acompanhado de uma ampliação em termos de projeções de regras de estrutura e gramática e técnicas de leitura. Na verdade, ensina-se todo o tempo. Ensina-se ainda mais no nível elementar, ou seja, para aqueles que não têm conhecimento de estruturas e gramática básicas. O exercitamento se faz quando o aluno já é conhecedor desse nível inicial.

Na fase inicial, o enfoque único sobre estratégias de leitura é quase impossível, pois depende de certa maturidade do aluno tanto em termos lingüísticos quanto sócio-culturais. O aluno iniciante ainda não é capaz de projetar normas de língua aplicando-as a situações posteriores ; depreende pouco do texto e tem vistas curtas quanto à sua própria necessidade real de aprendizagem. É papel do professor alertá-lo, para que essa visão errônea não o impeça de produzir mais eficientemente e de aceitar o ensino (não tão milagroso quanto o esperado) que lhe é oferecido.

Bem, voltemos ao texto em si. O conteúdo não esgota absolutamente o propósito do curso ou do ensino. Ao contrário, o conteúdo, que deve sempre ser atraente, serve como artifício positivo para o acompanhamento da aula, de exemplo concreto do uso da língua, mas não é objetivo único. De todo modo, no caso dos textos não específicos, os assuntos devem ser atuais, variados em termos de registro e tecnicamente bem redigidos. Os específicos devem desafiar de certa maneira o conhecimento do aluno .

Além do conteúdo, o vocabulário, em ambos os casos, deve ser rico com moderação, os aspectos gramaticais exemplos distintos, claros e sem ambigüidade. Não se deve, como base, recorrer a textos didaticamente preparados (a não ser quando muito curtos e usados estritamente para exemplificação de estruturas e gramática) já que em termos de conteúdo a aplicação da aprendizagem visará textos não didáticos.

Além disso tais textos tendem a ser desinteressantes e forçados. Ao professor, finalmente, caberá a melhor opção seja nisso ou quanto à escolha dos aspectos da língua a serem desenvolvidos. Sabe-se, por exemplo, que em certas áreas técnicas e científicas a adjetivação exerce papel de total importância. Em outras, a passiva é artifício largamente usado. Estruturas simples, em contraposição às complexas de certas áreas de teor artístico ou literário, são comuns em muitas redações técnicas. Os cognatos nunca devem ser esquecidos. No nosso caso, a lembrança de um Inglês tão inserido de influência latina deve servir de motivação para cada aula. A tradicional associação contrastiva com a língua nativa prova ser indispensável não só para o entendimento de toda uma filosofia de língua, variável e repleta de fontes históricas, folclóricas, sociais e religiosas, que se repetem em usos de expressões idiomáticas, tabus lingüísticos, registros diversos, e até mesmo os não tão saborosos usos de itens gramaticais às vezes dispensáveis numa língua e essenciais noutra. Vale aqui uma análise criativa de semelhanças e divergências.

Quanto aos exercícios propostos (além daqueles de compreensão de conteúdo), podem ou não estar ligados a um texto em especial. Fica claro que até o exercitamento visual de estruturas e palavras num início de curso, mesmo sem implicações de signifi-

cado, facilita a incorporação desses itens a uma vivência lingüística. Assim, usar elementos do texto em exercícios diversos leva a uma repetição que só facilita a aprendizagem. Não se exclui, evidentemente, o uso da variação de tais elementos quando para o professor isso significar alternativa didática produtiva.

Quanto ao padrão organizacional do texto, é essencial levar o aluno ao reconhecimento e distinção de narrativas, descrições, opinião, fato, crítica e os demais. Ligar elementos de língua a essas funções, examinar a diferença de padrão entre a língua nativa e o Inglês, utilizar os tradicionais processos de "skimming" e "scanning", perguntas e respostas, sumários, tabelas, inferência, compreensão literal e crítica, devem ser caminhos para o estudo completo do texto.

Resta acentuar que o ensino/treinamento da língua para fins específicos não deve de maneira alguma restringir-se isoladamente seja ao texto, como objeto de estudo de conteúdo, ou a estratégias de leitura ou ainda a exercícios de língua. Uma combinação balanceada, metódica, sistemática desses elementos ainda parece ser o caminho mais viável para se atingir o propósito chamado específico.

Finalmente, há que se tomar como função primordial do ensino, levar o aluno a exercitar sua auto-confiança quanto ao conhecimento adquirido.